

***LA VENUE A L'ECRITURE DE HÉLÈNE CIXOUS:* CENAS DE ENDEREÇAMENTO NA ESCRITA DE SI**

Henrique de Oliveira Lee¹
Natália Salomé de Souza²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar um ensaio autobiográfico da escritora Hélène Cixous, *La venue a l'écriture*, por meio da noção de cenas de endereçamento (Butler, 2005). Procedeu-se com a análise de duas cenas de endereçamento estabelecidas através do texto de Cixous: 1) a mulher como signo da alteridade radical e 2) uma prosopopeia da lógica falocêntrica. As cenas de endereçamento analisadas revelam um conjunto de articulações entre a escrita de si e a escrita feminina.

PALAVRAS-CHAVE: escrita de si, cenas de endereçamento, Hélène Cixous, escrita feminina.

HÉLÈNE CIXOUS'S THE COMING OF WRITING: SCENES OF ADDRESSMENT IN SELF-WRITING

ABSTRACT

This article approaches Helene Cixous's autobiographical essay, *La venue a l'écriture*, through the notion of scenes of address (Butler, 2005). The analysis privileged two scenes of addressment: 1) the woman as a sign of the radically other and 2) a prosopopoeia of the phalocentric logic. The analysis of the scenes of address accounted a set of relations between the self-writing and women's writing.

KEYWORDS: self-writing, scenes of address, Hélène Cixous, escrita feminina.

¹ Professor adjunto do Departamento de Psicologia da UFMT e Professor efetivo no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (MeEL) campus Cuiabá, onde atua como orientador de mestrado e doutorado, e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia PPG-Psi - UFMT.

² Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato.

LA VENUE A LA ECRITURE DE HÉLÈNE CIXOUS: CENARIOS DE DIRECCIÓN EN LA ESCRITURA

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo abordar un ensayo autobiográfico de la escritora Hélène Cixous, *La localidad a l'écriture*, por medio de la noción de escenas de direccionamiento (Butler, 2005). Se procede con el análisis de dos escenas de direccionamiento establecidas a través del texto de Cixous: 1) la mujer como signo de la alteridad radical y 2) una prosopopeia de la lógica falocéntrica. Las escenas de direccionamiento analizadas revelan un conjunto de articulaciones entre la escritura de sí y la escritura femenina.

PALABRAS CLAVE: escritura de sí, escenas de dirección, Hélène Cixous, escritura femenina.

O gênero da escrita

O texto *La venue a la écriture* de Helene Cixous poderia ser tacitamente classificado como um ensaio autobiográfico. No entanto, longe de apaziguar instabilidades de leitura, tal classificação nos remeteria à novas indagações sobre o modo singular pelo qual essa obra faz conjunção entre essas duas categorias de texto, esses dois "gêneros", o "ensaio" e a "autobiografia".

A escritora Helene Cixous nasceu em Orã, Argélia, no ano de 1937 – época em que a Argélia era ainda colônia francesa. Seus pais eram judeus de diferentes nacionalidades: o pai, francês, espanhol e judeu; a mãe, uma parteira alemã judia que foi para a Argélia fugindo do regime nazista. Cixous mudou-se para Paris, em 1968 finalizou seu doutorado em língua inglesa com uma tese sobre James Joyce. No mesmo ano, foi convidada a ocupar a cadeira de Literatura Inglesa na Universidade de Paris VIII, cujo projeto tinha caráter marcadamente experimental.



Os dados da biografia de Hélène Cixous são frequentemente aludidos em sua escrita, questões de religião, nacionalidade, língua e gênero são recorrentes, sempre através de certas cenas cuja ambivalência gera uma zona de indistinção entre autobiografia, ficção e ensaio.

A categoria "ensaio" como forma, tal como proposto por Theodor Adorno, torna-se, nesse contexto de pactos de leitura ambivalentes, ferramenta útil para situar minimamente um texto que, à primeira vista, parece inclassificável:

É inerente à forma do ensaio a sua própria relativização: ele precisa compor-se de tal modo como se, a todo momento, pudesse interromper-se. Ele pensa aos solavancos e aos pedaços, assim como a realidade é descontínua, encontra sua unidade através de rupturas e não à medida que as escamoteia. A unanimidade da ordem lógica engana quanto à essência antagonista daquilo que ela recobre. A descontinuidade é essencial ao ensaio, seu assunto é sempre um conflito suspenso. (ADORNO, 2003 p.35).

O texto de Cixous apresenta diversas rupturas sem que se perceba nele a menor pretensão de escamoteá-las. Os subtítulos que nomeiam as sessões confirmam o caráter fragmentário e disperso do texto, cuja irrupção dos diversos temas elicia diferentes “pactos de leitura”. Entretanto, essas características, a fragmentação e a dispersão, ganham aspecto programático por permitirem a aproximação entre escrita de si e escrita feminina.

Por "escrita feminina" entendida como uma prática de escritura, foi uma expressão cunhada por Cixous em seu ensaio *Le rire de la meduse*. Essa forma de escritura passa ser praticada também por outras autoras do feminismo francês. Mas o que seria uma escrita feminina e o que essa categoria pressupõe?

A escrita feminina seria a escrita praticada por mulheres, mas se nos satisfazemos com tal resposta devemos igualmente responder à pergunta “o que é uma mulher? ”, o que, segundo Butler, não seria uma tarefa tão simples, pois “o feminino já não parece mais uma noção estável, sendo o seu significado tão errático e problemático quanto de mulher, e ambos

ganham seu significado problemático apenas como termos relacionais (BUTLER, 2003, p.9)”.

Como a ideia de uma "escrita feminina" pode responder à complexificação e ao caráter relacional inerente ao uso de termos como mulher e feminino? A escrita feminina não requer ou não pretende um movimento de essencialização da mulher através do texto. Cixous, por exemplo, alega que escritores como Jean Genet e James Joyce possuem textos de escrita feminina. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma ética da escrita e uma estratégia discursiva. Cixous inicia o ensaio *Le rire de la meduse* afirmando a necessidade de que a mulher possa "se escrever" e com isso traga outras mulheres à cena da escrita:

Je parlerai de l'écriture féminine : de ce qu'elle fera. Il faut que la femme s'écrive: que la femme écrive de la femme et fasse venir les femmes à l'écriture, dont elles ont été éloignées aussi violemment qu'elles l'ont été de leurs corps ; pour les mêmes raisons, par la même loi, dans le même but mortel. Il faut que la femme se mene au texte - comme au monde, et à l'histoire -, de son propre mouvement.(CIXOUS, 2010, p. 37)³.

É uma estratégia na medida em que a tentativa de definir uma prática de escrita em termos femininos se constituiu como uma resposta aos embates institucionais travados pelo movimento feminista francês (*Mouvement pour la libération des femmes*) e sua exclusão da cena pública de debate no ano de 1968 (Schiach, p. 27)⁴.

Mesmo que seja impossível supor uma homogeneidade no MLF, Ann Rosalind Jones é categórica ao afirmar que, apesar de suas discordâncias práticas, as diversas autoras do feminismo francês empreendem, cada uma a seu modo, uma desconstrução do pensamento canônico ocidental:

Julia Kristeva, Luce Irigaray, Hélène Cixous, and Monique Wittig--share a common opponent, masculinist thinking; but they envision different modes of

³ Eu falei da escrita feminina: disso que ela fará. É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher e faça vir as mulheres à escrita, de onde elas foram afastadas tão violentamente quanto foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, no mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se conduza ao texto – como ao mundo e à história –, de seu próprio movimento.

⁴ Morag Shiach, Helene Cixous: A Politics of writing (London: Routledge, 1991) p. 27

resisting and moving beyond it. Their common ground is an analysis of Western culture as fundamentally oppressive, as phallogocentric. "I am the unified, self-controlled center of the universe," man (white, European, and ruling-class) has claimed. "The rest of the world, which I define as the Other, has meaning only in relation to me, as man/father, possessor of the phallus." This claim to centrality has been supported not only by religion and philosophy but also by language. To speak and especially to write from such a position is to appropriate the world, to dominate it through verbal mastery. Symbolic discourse (language, in various contexts) is another means through which man objectifies the world, reduces it to his terms, speaks in place of everything and everyone else--including women. (JONES, p. 248)⁵.

Como estratégia discursiva, trata-se da tentativa de empreender uma forma de escrita que constitua um lugar para além da objetificação masculina. É também uma prática ética na medida em que estabelece um *ethos*, uma comunidade de mulheres que se comunicam através da escritas de si.

A escrita de si alia-se à escrita feminina para torna-se uma estratégia discursiva pela qual é possível abalar as pretensões de um conhecimento totalizável, capaz de objetivar o mundo. As diversas linguagens podem ser pensadas, segundo a metáfora de Donna Haraway (1988), como partes constituintes de uma espécie de sistema ecológico. O senso comum está impregnado de uma linguagem predatória, o falocentrismo, a linguagem pela qual o homem objetiva o mundo, e assimilando ou integrando as diferenças dentro de um reino de identidades unívocas. A escrita feminina é a busca pela criação de uma outra linguagem, uma província, algo que possa se constituir num refúgio à linguagem predatória masculina, com suas demandas de totalização, objetivação e repetição.

⁵ Julia Kristeva, Luce Irigaray, Hélène Cixous, e Monique Wittig- compartilham um adversário comum, o pensamento masculinista, mas elas vislumbram modos distintos de resistir a ele e ultrapassá-lo. O solo comum entre elas é uma análise da cultura ocidental como fundamentalmente opressiva e falocêntrica. "Eu sou o centro do universo, coerente e auto-controlado", alega o homem (branco, europeu, da classe dominante). "O resto do mundo, que eu defino como o Outro, tem sentido para mim apenas como homem/pai, portador do falo." Essa alegação de centralidade tem se apoiado não apenas na religião e pela filosofia, mas também pela linguagem. Falar e, principalmente, escrever de tal posição é apropriar-se do mundo, dominá-lo através da mestria verbal. Discurso simbólico (linguagem, em diversos contextos) é um outro meio através do qual o homem objetiva o mundo, o reduz aos seus termos, fala no lugar de tudo e de todos os outros –inclusive das mulheres.

Nesse sentido, como anunciamos anteriormente, a dispersão e a fragmentação temática no texto de Cixous passa a ter um caráter programático, na medida que também se constitui como alternativa às categorias e gêneros textuais hegemônicos. A "unidade" temática em *La venue* é um conflito sempre suspenso, o texto não apresenta um único centro gravitacional capaz de instaurar uma hierarquia entre os temas. Por mais que se possa adjudicar ao texto certa unidade temática, como por exemplo, a escrita feminina, o texto não se reduz ou se mantém no tema, justamente porque não se procura atender a demanda da lógica masculina pela unidade e repetição temática. O texto é construído sob uma simultaneidade de temas, sem que haja uma hierarquia estabelecida, os temas constituem objetos permeáveis uns aos outros. A ausência de hierarquia temática desenha um modo de ligação entre signos que Roland Barthes chama de "paratático" em uma conferência de 1964 intitulada "semântica do objeto":

A sintaxe dos objetos é evidentemente uma sintaxe muito elementar. Quando se colocam objetos juntos não se lhe pode atribuir coordenações tão complicadas quanto na linguagem humana. Na realidade, os objetos - sejam os objetos de figura ou os objetos reais de uma obra teatral ou de uma rua- só estão ligados por uma única forma de conexão, que é parataxe, isto é, a justaposição pura e simples de elementos. Essa espécie de parataxe dos objetos é muito frequente na vida: é o regime a que estão submetidos, por exemplo, todos os móveis de um ambiente. (BARTHES, 2005, p. 215).

A justaposição pura e simples de elementos, tal como ocorre no texto de Cixous, pode ser pensada de modo análogo à coabitação de objetos dentro de uma determinada cena. Os elementos, figuras e temas encontram-se em uma relação paratática, de modo que é impossível estabelecer uma hierarquia entre eles e apontar o tema chave que subsume os demais. Entretanto, Barthes prossegue dizendo que "O mobiliário de um ambiente converge para um sentido final (um "estilo") unicamente por justaposição de elementos (Barthes, 2005 p. 215)". Quando nos perguntamos sobre um "sentido final" a que convergem os diversos elementos e temas no texto de Cixous, malgrado toda a fragmentação já mencionada, a

primeira categoria capaz de conferir inteligibilidade à dispersão é o "autobiográfico". Como bem lembra Barthes, a parataxe é frequente na vida.

A dispersão temática em *La venue a l'écriture* convergeria em um aspecto que poderíamos chamar frouxamente de "autobiográfico". Chamar esse texto de Cixous de "autobiográfico" consiste apenas em reconhecer nele, em maior ou menor medida, uma série de elementos temáticos - como os relatos de sonho, as narrativas de infância, as alusões aos processos diaspóricos sofridos pela autora, que se traduzem em deslocamentos geográficos e linguísticos, as elaborações em torno do sentido do seu nome próprio, que induzem a efetivação de um pacto autobiográfico de leitura, sem que a obra seja considerada uma autobiografia estrito sensu.

Nossa hipótese buscará demonstrar que a fragmentação e o elemento autobiográfico em *La venue a l'écriture* tem o caráter de um procedimento pelo qual se performa a escrita feminina na medida em que as mulheres têm como dever "se colocar em texto". E em um outro ensaio intitulado *Le rire de la meduse*, Cixous conclama as mulheres a escrever uma nova história, que seja o atravessamento das várias histórias individuais das mulheres:

Parce que de toujours, elle arrive, vivante, nous sommes au commencement d'une nouvelle histoire, ou plutôt d'un devenir à plusieurs histoires se traversant une les unes les autres. En tant que sujet à l'histoire, la femme se passe toujours simultanément en plusieurs lieux. Elle dé-pense l'histoire unifiante, ordonnatrice, qui homogénéise et canalise les forces et ramène les contradictions dans la pratique d'un seul champ de bataille. En la femme se recourent l'histoire de toutes les femmes, son histoire personnelle, l'histoire nationale et internationale. (CIXOUS, 2010, p. 49)⁶.

⁶ Porque ela sempre chega, vibrante, estamos no começo de uma nova história, antes, num devir de diversas histórias que se interseccionam. Enquanto objeto da história, a mulher ocorre simultaneamente em diversos lugares. Ela de-pensa a história unificante e ordenadora que homogeneiza e canaliza as forças e devolve as contradições à prática de um único campo de batalha. Na mulher se justapõe a história de todas as mulheres, sua história pessoal, a história nacional e mundial.

A vocação autobiográfica da escrita feminina teria, para Cixous, o estatuto de um dever ético, a forma de escrita que possibilitará às mulheres tecerem uma nova História a partir do entrelaçamento de suas histórias pessoais. As fragmentações e rupturas, novamente, tem um caráter programático neste contexto, pois ensejam modos de constituir uma escrita que desafie à homogeneização da narrativa histórica oficial, à criação de identidades fixas e bem delimitadas, à repetição, aspectos que Cixous identifica como demandas de uma lógica de significação masculina.

A própria instituição de gêneros de escrita já seria uma das demandas dessa lógica de significação masculina. Daí a resistência que o texto oferece às tentativas de situá-lo dentro das categorias tradicionais de "gêneros" que possuímos. Não se poderia afirmar que *La venue a l'écriture* possa ser considerada uma autobiografia dentro dos padrões com que se define o gênero. Para Philippe Lejeune, principal expoente da sistematização do gênero autobiográfico, é considerada uma autobiografia "récit retrospectif en prose qu'une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu'elle met l'accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l'histoire de sa personnalité (Lejeune,1975, p.14)".

Portanto, é um ponto consensual que o texto não seja uma autobiografia segundo a grade de classificação proposta por Lejeune, embora isso não impeça o estabelecimento de um pacto de leitura chamado fantasmático. Conceito com o qual Lejeune descreve o contrato de leitura produzidos por romances e ficções em que o leitor tem claramente a impressão de que se trata do autor ou de sua vida, apesar de nenhuma afirmação dessa identidade ou do pacto autobiográfico. Se o leitor é convidado a ler um romance, ou neste caso, um ensaio como um fantasma revelador do indivíduo, trata-se, para Lejeune, de um pacto fantasmático (1975, p.42).

O tema do nome próprio é um dos que concorrem para que tal pacto se estabeleça. Trata-se de um tema que ocupa um lugar central nos problemas da autobiografia.

C'est donc par rapport au nom propre que l'on doit situer les problèmes de l'autobiographie. Dans le texte imprimé, toute, l'énonciation est prise en



charge par une personne qui a coutume de placer son nome sur la couverture du livre, et sur la page de garde, au-dessus ou au-dessous du titre du volume. C'est dans ce nom que se résumé toute l'existence de ce qu'on appelle l'auteur : la seule marque dans le texte d'une indubitable hors-texte, renvoyant à une personne réelle, qui demande ainsi qu'on lui attribue, en dernier resort, la responsabilité de l'énonciation de tout le texte écrit. Dans beaucoup de cas, presence de l'auteur dans le texte se réduit à ce seul nom. Mais la place assigné à ce nom est capitale : elle est liée, par une convention sociale, a l'engagement de responsabilité d'une personne réelle. J'entends par ces mots, qui figurent plus haut dans ma definition de l'autobiographie, une personne dont l'existence est attestée par l'état civil et verifiable. Certes, le lecteur n'ira pas verifiér, est-il peut très bien ne pas savoir qui est cette personne : mais son existence est dehors de doute : exceptions et abus de confiance ne font pas que souligner la creance generale accordée à ce type de contract social. (LEJEUNE, 1975, p.22)⁷.

Enquanto a credibilidade do discurso autobiográfico para Lejeune parece ser assegurado pelo grau atestável de identificação do autor com seu nome próprio e sua capacidade de - em última instância - ser responsabilizado pelos enunciados de um texto. Para Cixous o nome próprio é objeto de surpresa, estranhamento. A vinda da escrita desencadeia um processo de ressignificação pelo qual o nome "próprio" deve ser, paradoxalmente, apropriado:

ça un "nom"? Ce mot bizarre, barbare, et si mal supporte par la langue française, c'était ça "mon" "nom". Un nom impossible. A coucher dehors. Un nom que personne ne saurait écrire et c'était moi. C'est encore moi. Un mauvais nom, pensais-je, quand on le retournait contre moi, pour m'écorder

⁷ É então com relação ao nome próprio que se devem situar os problemas da autobiografia. Dentro do texto impresso toda enunciação está a cargo de uma pessoa que costuma colocar seu nome sobre a capa do livro, e sobre a folha de rosto, acima ou abaixo do título do volume. É nesse nome que se resume toda a existência que chamamos autor: a única marca no texto de um indubitável fora-do-texto remetendo a uma pessoa real, que demanda assim que se lhe atribua, em última instância, a responsabilidade de toda enunciação de todo o texto escrito. Em muitos casos a presença do autor no texto se reduz ao seu nome. Mas o lugar assinalado a esse nome é capital: ele se liga, por uma convenção social, ao engajamento de responsabilidade de uma pessoa real. Entendo por essas palavras, que tenho em alta conta em minha definição de autobiografia, uma pessoa cuja existência real pode ser atestada por um estado civil e verificável. Certamente, o leitor não realizará tal verificação, bem como pode não saber quem é tal pessoa, mas sua existência está fora de dúvida: exceções e abuso de confiança não fazem mais do que sublinhar a crença geral acordada nesse tipo de contrato social.

en l'écorchant, un de ces mots étrangers, inavalables, inclassables: J etais personne. Mais je pouvais, en effet, etre "CIXOUS" (CIXOUS, 1977, p.35)⁸.

O sistema contratual engendrado por protocolos e convenções sociais no qual um sujeito real pode ser responsabilizado pelo seu discurso é a base na qual Lejeune assenta sua teoria do pacto autobiográfico. Inversamente, Helène Cixous vê-se como uma pessoa despojada das credenciais que a permitiriam responder a esse sistema contratual:

Afin de justifier mon bon tort, j'ai invoqué tous les motifs pour lesquels je n'ai pas le droit d'écrire dans votre Raison: - pas de lieu d où écrire. Pas de patrie Pas de histoire légitime. Ni certitude,ni propriété. Pas de langue sérieuse. En allemand je pleure, en,anglais je joue, em français je vole, je suis voulese . Pas d'hommicile fixe. Ni loi. Ni grammaire. (CIXOUS, 1977, p. 46)⁹.

Seu nome próprio não se garante pela remissão a uma pessoa real, mas, novamente, a vida da entidade que porta tal nome próprio é textual. "Hélène Cixous ce n'est pas moi, c'est ceux qui sont chantés dans mon texte, parce que leur vies, leur peines, leur force exigent qu'il retentisse. (Cixous, 1977, p. 57)"¹⁰

Pelos aspectos por ora enumerados compreende-se que *La venue* não é considerada uma autobiografia no quadro de classificação proposto por Lejeune. O texto de Cixous não constitui uma narração retrospectiva sob a perspectiva de uma história da personalidade, existem alguns biografemas que aparecem no texto ao modo da já mencionada dispersão temática. Além disso, o texto, apesar de trazer tais biografemas, não se detém apenas numa

⁸ Isso um "nome"? Essa palavra bizarra, bárbara, mal tolerada pela língua francesa, era isso o "meu" "nome". Um nome impossível. Um travalíngua. Um nome que ninguém sabia soletrar e que era meu. Ainda, assim, meu. Um nome ruim, eu pensava quando o jogavam contra mim, para me esfolar no esfolador, uma dessas palavras estrangeiras, ininvalidável, inclassificável: eu era ninguém. Mas eu podia, com efeito, ser "Cixous" (homofonia: muito por baixo).

⁹ Afim de justificar meu bom erro, eu invoquei todos os motivos pelos quais eu não teria direito de escrever dentro da vossa Razão - sem lugar de onde escrever. Sem pátria. Sem história legítima. Nem certeza, nem propriedade. Sem língua séria. Em alemão eu choro, em inglês eu brinco, em francês eu roubo, sou ladra. Sem homicídio fixo. Nem lei. Nem gramática.

¹⁰ "Helene Cixous não sou eu, são aqueles que são cantados no meu texto, porque suas vidas, seus sofrimentos, sua força exige que eu ressoe"

história da personalidade, talvez pendendo muito mais, para uma narrativa dos encontros com a alteridade, e com a descrição da incessante produção de alteridade .

Vamos chamar de "cenas de endereçamento", seguindo a intuição teórica de Judith Butler, as formas de interpelação da alteridade presentes em certos tipos de textos e situações que a autora chama de relato de si (*account of oneself*).

Cenas de endereçamento e o relato de si.

Chamaremos "cenas de endereçamento" os movimentos singulares pelos quais, em relatos de si, se estabelecem princípios de interpelação entre o "eu" e o "outro". É exatamente nesta impossibilidade de fornecer limites precisos à fronteira entre eu e outro, já que todo relato de si interrompe o sentido de auto pertencimento do relato, que o relato de si (*account of oneself*) pode ganhar uma forma narrativa.

It is also the case that I give an account to someone and the addressee of the account, real or imaginary, also functions to interrupt the sense that this account of myself is my own. If it is an account of myself, and it is an accounting to someone, then I am compelled to give the account away, to send it off, to be dispossessed of it at the very moment that I establish it my account. No account can take place outside the structure of address, even if the addressee remains implicit and unnamed, anonymous and unspecified. The address establishes the account as an account, and so the account is completed only on the occasion when is effectively exported and expropriated from the domain of what is my own. It is only in dispossession that I can do give any account of myself. (BUTLER, 2005, p. 36).

A intuição de Butler nos serve aqui para contrapor uma visão de relato de si como uma narrativa encerrada sobre o próprio sujeito narrador para destacar o elemento relacional presente na narrativa de si. Portanto, o elemento tornado palpável pela noção de cena de endereçamento, é a alteridade primária constitutiva de nossa própria identidade e da possibilidade de um relato de si. Nossa leitura de *La venue de l'écriture* será orientada para a descrição de duas cenas de endereçamento presentes de modo difuso pelo texto de Cixous. A primeira cena se constrói através da confrontação de uma propopéia do falocentrismo. Mas

aqui ocorre um duplo movimento, não é possível qualquer movimento de desconstrução do falocentrismo sem questionar os próprios termos pelos quais a mulher narra a si mesma e sem reconhecer nossa relação com termos de uma economia masculinista:

Although we are compelled to give an account of our various selves, the structural conditions of that account will turn out to make a full such giving impossible. The singular body to which a narrative refers cannot be captured by a full narration, not only because the body has a formative history that remains irrecoverable by reflection, but because primary relations are formative in ways that produce a necessary opacity in our understanding of ourselves. An account of oneself is always given to another, whether conjured or existing, and this other establishes the scene of address as a more primary ethical relation than a reflexive effort to give an account of oneself. Moreover, the very terms by which we give an account, by which we make ourselves intelligible to ourselves and to others, are not of our making. They are social in character, and they establish social norms, a domain of unfreedom and substitutability within which our "singular" stories are told. (BUTLER,2005, p. 20-21)

Se a narrativa de si é sempre dada para um outro, e são os sentidos e palavras compartilhadas socialmente que permitem que nossas histórias singulares sejam contadas, a saída do labirinto falocêntrico passaria por uma mudança da cena endereçamento. Por isso a segunda cena a ser analisada é aquela construída pela interpelação de outras mulheres para provocar-lhes à escrita. Mas essa "mulher" a quem Cixous se dirige não é um outro previsível e já conhecido, mas um rosto ainda não visto, uma não totalidade, um signo, cuja objetividade está constantemente dispersada.

A face, a mulher: alteridade estruturante

Em *La venue* o tema do endereçamento a uma interlocutora, real ou imaginária, ou uma instância de endereçamento a algo desconhecido, marca fortemente o texto desde seu início. Aquilo ao qual a escrita se endereça é algo indeterminado, não totalizável, "*Pas de personne: pas des totalités, pas d'être dénommé et délimités* » (Cixous, 1976 p.9)."

Mesmo que esse relato se dirija a seres não-nomeados e delimitados, segundo Judith Butler, nenhum relato de si pode se dar fora de uma cena de endereçamento. É a cena de endereçamento que faz o "relato de si" enquanto tal, o que implica na construção de, a um só tempo, uma voz narrativa e uma autoridade narrativa, mas também implica ter que falar nos termos daqueles a quem nos dirigimos com a finalidade de tornar a nós mesmos inteligíveis para o outro. Se os esforços de nos tornar inteligíveis a nós mesmos só pode se dar nos termos de um outro a quem nos dirigimos, Cixous parece intuir que uma tentativa de saída dos circuitos viciados do mesmo e do outro revelados pelo caráter relacional das nossas identidades pode se dar pelo endereçamento ao desconhecido. Não por acaso, o motor da escrita em *La venue de Cixous* é uma espécie de promessa da existência de um outro inaudito, ainda não conhecido:

Un désir cherchait sa demeure. J'étais ce désir J'étais la question. Etrangeté du destin de la question: chercher, poursuivre les réponses qui la calment, qui l'annulent. Ce qui l'anime, la lève, lui donne envie de se poser, c'est l'impression que l'autre est là, si proche, existe, si loin, qu'il y a, quelque part, au monde, une fois passée la porte, la face qui promet, la réponse pour laquelle on continue à se mouvoir, à cause de laquelle on ne peut se reposer, pour l'amour de laquelle on se retient de renoncer, de se laisser aller; à mourir. (CIXOUS, 1977, p.9-10)¹¹.

O desconhecido tem, entretanto, uma face. Esta é comparada a um signo que se pode ler, um enigma, mas ao mesmo tempo que o signo que demanda decifração também torna as coisas legíveis e visíveis:

Je l'ai lu: le visage signifiait. Et chaque signe indiquait un nouveau chemin. A suivre, pour s'approcher du sens. Le Visage me soufflait quelque chose, me parlait, m'appelait à parler, à déchiffrer tous les noms qui l'entouraient, l'évoquaient, l'effleuraient le faisaient apparaître. Il rendait les choses

¹¹ Um desejo procura sua morada. Eu era esse desejo. Eu era a questão. Estrangeridade do destino da questão: procurar, perseguir as respostas que a acalmam e a anulam. É o que a anima, a eleva, lhe dá ganas de se colocar, é a impressão que o outro está ali, tão próximo, existe, tão distante, que há, me alguma parte do mundo, uma vez passada a porta, a face que promete, a resposta pela qual continuamos a nos mover, por causa da qual não se pode repousar, pelo amor daquela que nos impedimos de renunciar, de se deixar levar, à morrer.

visibles' et lisibles; comme s'il était entendu que meme si la lumière s'éloignait, les choses qu'elle avait éclairées ne disparaîtraient pas, ce qu'elle avait touché resterait, ne cesserait pas d'être ici, de briller, de se donner encore à prendre par le nom. (CIXOUS, 1977. P.10)¹².

A singularidade do rosto demanda um trabalho de decodificação e renomeação de sua realidade circundante. O tema da face e sua comparação com signos a serem decifrados ecoa o tema do filósofo Emmanuel Levinas no qual o endereçamento ao outro, a reconhecimento deste, é algo distinto da cognição de qualquer objeto.

The concept of a face is the central moment of all of Levinas's phenomenology. While Husserl and Heidegger take the problem of the nature of the contact with the other to be a problem of the alter ego - and Sartre circumscribes the other as a "faceless obsession", for Levinas everything is centered on the alterity of the alter ego. The other is other than me, but also other than things and other than others, pure alterity, singularity. (LINGIS, 1986, p. 29).

Assim como para Levinas, Cixous vê a face ou rosto dos outros como signo estruturante da narrativa de si. A face é um signo, mas não é uma metáfora. A face do outro é a própria condição de possibilidade da experiência do espaço.

Ce visage n'est pas une métaphore. Face, espace, structure. Lieu de tous les Visages qui me donnent naissances, détiennent mes vies. Je l'ai vu, je l'ai lu, je l'ai contemplé à me perdre. Combien de faces pour le visage? Plus d'une. Trois , quatre, mais toujours l'unique, et l'unique toujours plus d'une. (CIXOUS, 1977.p.10)¹³.

A capacidade de dar à luz a si mesma e carregar em si a alteridade de todas as faces que a constituem seria, para Cixous, a característica mais marcante da mulher. A economia de significação masculina exige constantemente da mulher o sacrifício da pluralidade. “Et Femme? Femme c’est pour moi celle qui ne tue personne en elle, celle qui (se) donne ses

¹² Eu a li: o semblante significava. E cada signo indicava um novo caminho a seguir para se abordar o sentido. O semblante me soprava alguma coisa, me falava, me chamava para falar, para decifrar todos os nomes que a cercavam, a invocavam, a tangenciam fazendo-a aparecer. Ele torna as coisas visíveis e legíveis, como se ele tivesse entendido que mesmo que a luz se tenha distanciado, as coisas que ela clareou não desaparecem, o que ela tocou permanecerá, não cessará de estar aqui, de brilhar, de se deixar tomar pelo nome.

¹³ Esse semblante não é uma metáfora. Face, espaço, estrutura. Lugar de todos os semblantes que me deram à luz, que portam as minhas vidas. Eu o vi, e o li, eu o contemplei até me perder. Quantas faces para o semblante? Mais de uma. Três, quatro, mas sempre a única, e a única sempre mais de uma.

propres vies: femme est toujours d'une certaine manière «mère» pour elle-meme et pour l'autre. (CIXOUS, 1977, p. 61)”¹⁴.

Aquilo que o olhar masculino chama loucura, Cixous ressignifica como capacidade de autocriação:

*Folles celles qui sont obligee de re-faire acte de naissance tous les jours. Je pense: rien ne m'est donné: Je ne suis pas née une fois pour toutes. Ecrire, revê, s'accoucher être moi-meme ma fille de chaque jour. Affirmation d'une force intérieure capable de regarder la vie sans mourir de peur, et surtout de se regarder soi-meme comme se tu était a la fois l'autre - indispensable a l'amour - et rien de plus et de moins de moi. (CIXOUS,1977 p. 15)*¹⁵.

A capacidade de autocriação e a aceitação da condição de pluralidade são os elementos que permitem a Cixous uma redefinição da mulher para além da economia falocêntrica de significação, que com frequência define a mulher pelo déficit, pela ausência, ou como ser castrado.

Diante do olhar masculino e sua lógica de significação, que condena como loucura a pluralidade do feminino, a escrita feminina revela a melhor estratégia: o riso.

A escrita feminina contra o falocentrismo

O sistema contratual e as convenções sociais que localizam o autor como entidade responsável coloca em evidência, também, um sistema de interdições que pesa sobre a escrita feminina. Cixous se auto declara uma despossuída da linguagem, por habitar um mundo cujo sistema de legitimação do lugar do autor é construído em uma linguagem masculina.

Tout de moi se liguait pour m'interdire l'écriture. l'Histoire, mon histoire, mon origine, mon genre. Tout ce qui constituait mon moi social, culturel. A

¹⁴ E mulher? Mulher é para mim aquela que não mata ninguém nela, é aquela que se dá suas próprias vidas: mulher é sempre de uma certa maneira "mãe" para ela mesma e para o outro.

¹⁵ Loucas são aquelas que são obrigadas a refazer seu ato de nascimento todos os dias. Eu penso: nada me está dado. Eu não sou nascida de uma vez por todas. Escrever, sonhar, dormir, ser minha própria filha de cada dia. Afirmação de uma força interior capaz de olhar a vida sem morrer de medo, e, sobretudo, olhar a si mesmo como se fosse, ao mesmo tempo, outro - indispensável ao amor – e nada mais e nada menos de mim.



commencer par le nécessaire, qui me faisait défaut, la matière dans laquelle l'écriture se taille, d'où elle s'arrache: la langue. (CIXOUS, 1977, p. 21)¹⁶.

Daí a necessidade imperativa que, segundo Cixous, tem a mulher de se colocar em texto e na história por seu próprio movimento. Para que ela não seja apenas um objeto dentro daquilo que a psicanalista Luce Irigaray chamou de "economia masculina dominante" em seu artigo "this sex which is not one". Trata-se de uma economia de significação que repousa em significações unívocas e na repetição. Com isso a mulher adquire um estatuto de algo irrepresentável, "dentro de uma linguagem unívoca o sexo feminino constitui o irrepresentável (unconstrainable) e o não-designável (undesignable). Nesse sentido, feminino é o sexo que não é "um", mas "múltiplo" (BUTLER, 1990, p. 9).

A multiplicidade da mulher e do feminino constitui um elemento intolerável para a economia de significação masculina. Entretanto, como se desvencilhar de uma economia de significação quase onipresente como o falologocentrismo?

There is no simple manageable way to leap to the outside of phallogocentrism, nor any possible way to situate oneself there, that would result from the simple fact of being a woman. And in Speculum, if I was attempting to move back through the "masculine" imaginary, that is, our cultural imaginary it is because that move imposed itself, both in order to demarcate the possible "outside" of this imaginary and to allow me to situate myself with respect to it as a woman, implicated in it and at the same time exceeding its limits. But I see this excess, of course, as what makes the sexual relation possible, and not as a reversal of phallic power. And my "first" reaction to this excess is to laugh. Isn't laughter the first form of liberation from a secular oppression? Isn't the phallic tantamount to the seriousness meaning? Perhaps woman, and the sexual relation, transcend it "first" in laughter? (IRIGARAY, 1985, p. 163)¹⁷.

¹⁶ Tudo em mim se liga para me interditar a escrita. A História, minha história, minha origem, meu gênero. Tudo que constitui meu eu social, cultural. A começar pelo necessário, que me faz falta, a matéria na qual a escritura é talhada, ou de onde ela é arrancada: a língua.

¹⁷ Não há uma forma simples de saltar para fora do falologocentrismo nem alguma forma possível de se situar ali, isso resulta do simples fato de ser uma mulher. E em Speculum, se eu estava tentando retornar através do imaginário "masculino", ou seja, nosso imaginário cultural, foi porque o movimento se impôs por si mesmo, tanto para demarcar um "fora" possível desse imaginário, quanto me permitir situar-me em relação à ele enquanto mulher, implicada nele e ao mesmo tempo excedendo seus limites. Mas eu vejo esse excesso, com



Segundo Irigaray, não há como permanecer fora dessa linguagem, a do falocentrismo, que permeia todo nosso imaginário cultural. No entanto, existe um ato potente e emancipador expresso pelo riso, pela capacidade de rir do sentido "sério", que equivale ao poder fálico.

Em *Le rire de la meduse* Cixous especifica que "Quand je dis " la femme" ... je parle de la femme em sa lutte inévitable avec l'homme classique; et d'une femme-sujet universelle, qui doit faire advenir les femmes à leur(s) sens et leur histoire (CIXOUS, 2010, p.37-8)."

O falocentrismo é personificado no texto de Cixous por meio de uma prosopopeia, figura de linguagem que para Paul De Man equivale à: "criar uma voz e um rosto por meio da linguagem. (DE MAN, 1984, p.80)". O *Suroncle* é a prosopopeia de um sujeito masculino indeterminado, o homem convencional, que sintetiza e dramatiza aspectos da lógica de significação masculina - do falocentrismo - como sua necessidade de repetição, sua univocidade linear, e o seu senso utilitarista da realidade.

É interessante aí notar a interlocução com a psicanálise. Freud em sua segunda tópica do aparelho psíquico propõe uma visão do aparelho psíquico dividido em três instâncias, o id, o ego e o superego. O *surmoi*, ou superego, é desse modo explicado por Freud: "O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo, mais severa será a dominação do superego sobre o ego, sob forma de consciência ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa. (Freud, 1923, p.47) ". Isso evidencia que talvez todo o embate travado com o suroncle seja, em alguma medida, análogo ao embate travado por cada sujeito com seu superego, sendo esse embate empreendido pelo sujeito contra ele mesmo, de suas fontes pulsionais, o ID, contra suas identificações morais, o superego. A figura do suroncle, portanto, não é apenas uma descrição de um machista clássico que pode existir como um sujeito masculino empírico, mas trata-se de uma prosopopeia do precipitado de

efeito, como aquilo que torna a relação sexual possível e não como uma inversão do poder fálico. Minha "primeira" reação a esse excesso é rir. Não seria o riso a primeira forma de liberação da opressão secular? Não seria o fálico equivalente à seriedade do sentido? Talvez a mulher, e a relação sexual, transcendem o fálico "primeiro" pelo riso?

identificações das mulheres com os homens de sua história. Isso sublinha o fato de que a luta das mulheres contra a economia de significação masculina não é uma luta contra alguns sujeitos masculinos específicos, mas com todo um aparato de linguagem e inclusive com identificações profundamente enraizadas no psiquismo das mulheres.

A primeira aparição dessa figura se dá na abertura de uma sessão intitulada *On tue une fille* em uma alusão ao conhecido texto de Freud sobre as fantasias masoquistas intitulado "Bate-se numa criança". "Quel est le Suroncle qui. Il a pas empêché une fille de voler, qui ne la pas ligotée, qui n'a pas bandé les pieds de sa petite chérie, pour qu'ils soient exquisement petits, qui ne l'a pas momifiée jolie? (CIXOUS, 1977, p. 17) ”.

Suroncle é a personificação do olhar masculino médio redutor e castrador, que prolifera nas maquinarias do capitalismo, cuja síntese é localizada por Cixous na mediocridade do mercado editorial. "Écris, que nul ne ce retienne, que rien ne t'arrête : ni homme, ni imbécile machine capitaliste où les maisons d'édition sont les rusés et obséquieux relais des impératifs d'une économie qui fonctionne contre nous et sur notre dos; ni toi-même. (CIXOUS, 2010, p. 40).

A voz do homem médio da máquina editorial que enquadra a escritora na lógica do capitalismo demandando imobilidade e repetição:

Mais enfin qui etes vous? Si vous n'etes jamais la meme, comment voulez vous qu'on vous reconnaisse? D'ailleurs quel est votre nom principal? Le public veut savoir ce qu'il achète. L'inconnu ne se vend pas. Nos clients demandent du simple. Vous etes toujours pleine de doubles, on ne peut pas compter sur vous, il y a de l'autre dans votre meme. Faites-nous du Cixous homogène. Prière de vous réitérer, Pas d'imprévu. L'altération, très peu pour nous. Halte! Repos, Répétition!

Le futur, personne n'en veut. Donnez nous du passé classé, vieillissez. Il y a quand meme cinq mille ans que nous vivon avec vous. La femme, on sait ce que c'est. Moi, j'ai une, depuis trente ans. (CIXOUS, 1977, p 43-44.)¹⁸.

¹⁸ Mas enfim, quem é você? Se voce não é jamais a mesma, como vc quer que a reconheçamos? Ademais, qual seu nome principal? O público quer saber o que compra. O desconhecido não vende. Nossos clientes demandam

O aspecto risível sublinhado na figura do *Suroncle* por Cixous é a sua presunção, seu ar de autoridade e empáfia. A sua presunção de saber sobre o *feminino* é o alvo do riso de Cixous. "A mulher" diz o suroncle, "sabe-se o que é, eu mesmo tive uma por trinta anos." A ambiguidade presente na palavra *femme* (mulher ou esposa) - também presente no português, que opera com a palavra "mulher" como um sinônimo de "esposa" – atesta a obtusidade do discurso do *suroncle* que acredita que conhecer uma mulher é equivalente a ter uma esposa.

O embate com o falocentrismo possui largas consequências não fica apenas no campo da caricatura do homem convencional performada na figura do *suroncle*, mas expressa-se também na forma de uma disputa sobre a concepção sobre o texto e a leitura. O falocentrismo é caracterizado pela exigência de uma leitura unívoca, baseada na repetição dos sentidos, numa constante operação autoassegurante desses sentidos. Na contramão dessa exigência, na escrita feminina a leitura é vista como um exercício espiritual plural e infinito. Leitura e escrita são atos indissociáveis, formas de louvar a multiplicidades de sentidos. "Lire: écrire les dix mille pages de chaque page, les amener au jour, croissez et multipliez et la page se multipliera.-Mais pour cela lire : faire l'amour au texte. C'est le même exercice spirituel. (Cixous, 1977 p. 34)"

Ler: escrever as dez mil páginas de cada página, trazê-las ao dia, cruzar e multiplicar e a página se multiplicará. Mas ler para isso: fazer amor ao texto. É o mesmo exercício espiritual.

É o jogo das múltiplas possibilidades de leitura justamente aquilo que libera a escrita como atividade infinita: "Le livre, avec l'aide de la mémoire et de l'oubli, je pouvais le relire.

o simples. Você está sempre cheia de duplos, não se pode calculá-la, existem outros no seu mesmo. Faça-nos uma Cixous homogênea. Faça o favor de se repetir. Sem imprevisto. Alteração, o mínimo para nós. Alto lá! Repouso, Repetição!

O futuro, ninguém o quer. Dê-nos o passado clássico, envelhecido. Há cerca de cinco mil anos que vivemos com vocês. A mulher, nós sabemos o que é. Eu tive uma por trinta anos.



Le recommencer, D'un autre point de vue, d'un autre, d'un autre, En lisant fai découvert que l'écriture est l'infini. L'inusable. L'éternel. (Cixous, 1977, p. 33)¹⁹.

Enquanto a prosopopeia da economia de significação masculina é associada à "razão" ou ao "capitalismo-realismo", a demanda por repetição, Cixous esboça o signo "mulher" como elemento capaz de abranger o múltiplo e o descontínuo. A concepção da mulher como algo que não é uma totalizável é um dos aspectos que enseja uma analogia da mulher com o signo linguístico, cuja identidade é um arranjo provisório, cuja incompletude estrutural possibilita uma abertura constante às contingências da alteridade, sendo essa abertura o que possibilita as múltiplas e infinitas leituras.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. O ensaio como forma. In: **Notas de Literatura I**. Tradução: Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Tradução Mário Laranjeira, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BUTLER, Judith. **Gender trouble** New York:Routledge Press, 1990.

BUTLER, Judith. **Giving an account of oneself**. New York: Fordham University Press, 2005.

CIXOUS, Hélène. **Le rire de la meduse et autres ironie**. Paris: Edition Galiléé, 2010.

CIXOUS, Hélène, **La venue à l'écriture** Paris: 10-18 editions, 1977.

DE MAN, Paul. "Autobiography as self-defacement" In: DE MAN, P. **Rhetorics of romanticism**. Columbia University Press, 1984. p. 69-81

FREUD, Sigmund. "O ego e o id". **Edição Standard das Obras completas de S. Freud**, volume XIX.

JONES, Ann Rosalind. Writing the body: towards an understanding of "l'écriture feminine". **Feminist Studies**, Vol. 7, No. 2, pp. 247-263, Summer, 1981.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Seuil: Paris, 1975.

¹⁹ O livro, com ajuda da memória e do esquecimento, eu poderia relê-lo. Recomeça-lo. De um outro ponto de vista, de um outro, de um outro. Lendo descobre-se que a escrita é o infinito. O indeteriorável. O eterno.

LINGIS, Alphonsus. Translator's introduction In: LEVINAS, Emanuel. **Collected philosophical papers.** Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1986.

IRIGARAY, Luce. **This sex which is not one.** Translated by Catherine Porter Ithaca: Cornell University Press, 1985.

SHIACH, Morag. **Helene Cixous: A Politics of writing.** London: Routledge, 1991.